

Anne
DE
WINDY POPLARS

LUCY MAUD MONTGOMERY

Anne

DE

WINDY POPLARS

Tradução
Rafael Bonaldi



Ciranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês

Anne of Windy Poplars

Texto

Lucy Maud Montgomery

Tradução

Rafael Bonaldi

Preparação

Karoline Cussolim

Revisão

Mariane Genaro

Fernanda R. Braga Simon

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ilustração da Capa

Beatriz Mayumi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787a Montgomery, Lucy Maud

Anne de Windy Poplars / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Rafael Bonaldi ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.

288 p. ; 16cm x 23cm. - (Ciranda Jovem).

Tradução de: Anne of Windy Poplars

Inclui índice.

ISBN: 978-65-550-0147-1

1. Literatura infantojuvenil. 2. Romance. I. Bonaldi, Rafael. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-586

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

O primeiro ano – 1936	7
Capítulo 1	9
Capítulo 2	24
Capítulo 3	42
Capítulo 4	47
Capítulo 5	50
Capítulo 6	62
Capítulo 7	64
Capítulo 8	71
Capítulo 9	75
Capítulo 10	81
Capítulo 11	89
Capítulo 12	94
Capítulo 13	103
Capítulo 14	116
Capítulo 15	120
Capítulo 16	128
Capítulo 17	136
O segundo ano	139
Capítulo 1	141
Capítulo 2	145
Capítulo 3	152
Capítulo 4	159
Capítulo 5	166
Capítulo 6	174
Capítulo 7	181

Capítulo 8	187
Capítulo 9	195
Capítulo 10	197
Capítulo 11	207
Capítulo 12	212
Capítulo 13	214

O terceiro ano	219
Capítulo 1	221
Capítulo 2	223
Capítulo 3	229
Capítulo 4	233
Capítulo 5	238
Capítulo 6	242
Capítulo 7	245
Capítulo 8	250
Capítulo 9	256
Capítulo 10	261
Capítulo 11	266
Capítulo 12	272
Capítulo 13	280
Capítulo 14	282

1936
O
PRIMEIRO
ANO



CAPÍTULO 1

(Carta de Anne Shirley, Bacharela em Letras e Belas Artes, Diretora da Escola Secundária de Summerside, para Gilbert Blythe, estudante de medicina da Redmond College, em Kingsport.)

Windy Poplars
Rua do Fantasma
Summerside, Ilha do Príncipe Edward
Segunda-feira, 12 de setembro

QUERIDO,

Não é um endereço e tanto? Já ouviu algo mais delicioso? Windy Poplars¹ é o nome do meu novo lar, e eu o adoro. Também adoro a “Rua do Fantasma”, que não existe oficialmente. Deveria ser Rua Trent, mas ela só é chamada assim em raras ocasiões, quando é mencionada no periódico semanal *Weekly Courier*... e, nesses casos, as pessoas olham umas para as outras e dizem: “Onde será que fica isso?”. É Rua do Fantasma, mesmo... embora eu não saiba dizer o motivo. Já perguntei para Rebecca Dew, mas tudo que ela disse foi que a rua sempre teve esse nome e que anos atrás surgiu uma história de que o lugar era assombrado, mas ela nunca viu algo de horrível lá além de si mesma.

¹ “Álamos Ventosos”, em inglês. (N. T.)

Eu não deveria estar me precipitando, todavia. Você ainda não conhece Rebecca Dew, mas vai conhecê-la. Ah, com certeza. Prevejo que ela figurará amplamente nas minhas futuras correspondências.

É a hora do crepúsculo, meu querido. (Aliás, “crepúsculo” não é uma palavra adorável? Acho melhor do que “entardecer”. Soa como algo tão macio e misterioso e... e... *crepuscular*.) Durante o dia eu pertencço ao mundo... e à noite, ao sono e à eternidade. Porém, no crepúsculo, estou livre de ambos e pertencço somente a mim mesma... e a você. Assim, vou reservar esta hora sagrada para lhe escrever. Ainda que esta não seja uma carta de amor. Estou usando um bico de pena que borra, e não posso escrever cartas de amor com uma pena que borra... ou de ponta afiada... ou de ponta cega. De modo que você só receberá uma carta daquele tipo quando eu tiver exatamente a pena certa. Enquanto isso, contarei sobre meu novo domicílio e seus habitantes. Gilbert, eles são tão encantadores!

Eu vim ontem para Summerside à procura de uma pensão. A senhora Rachel Lynde me acompanhou, supostamente para fazer algumas compras, mas, na verdade, sei que veio para escolher uma pensão para mim. Apesar do meu diploma, a senhora Lynde ainda me considera uma jovencinha inexperiente que precisa ser guiada, orientada e supervisionada.

Vimos de trem e, ah, Gilbert, tive uma aventura muito engraçada. Você sabe que sou do tipo de pessoa que sempre é encontrada pelas aventuras. Acho que eu as atraio, pelo visto.

Aconteceu quando o trem estava parando na estação. Eu me levantei e, ao inclinar-me para pegar a mala da senhora Lynde (ela planejava passar o domingo com uma amiga na cidade), apoiei os nós dos dedos com toda a força no que parecia ser o braço lustroso de um assento. Um segundo depois, recebi um golpe violento que quase me fez uivar. Gilbert, o que parecia ser o braço de um assento era a cabeça calva de um homem, que me encarava com raiva e era evidente que havia acabado de acordar. Eu me desculpei humildemente e desci do trem o mais rápido que pude. A última coisa que vi foi o olhar fixo dele em mim. A senhora Lynde ficou mortificada, e meus dedos ainda estão doloridos!

Não imaginava que daria tanto trabalho encontrar uma pensão. Uma tal de senhora Pringle havia hospedado várias diretoras da Escola Secundária nos últimos quinze anos, mas, por algum motivo desconhecido, de uma hora para a outra ela decidira que estava cansada “do incômodo” e não me recebeu. Vários outros lugares adequados deram desculpas afáveis. Vários outros lugares não eram adequados. Nós andamos pela cidade a tarde toda e ficamos acaloradas, cansadas, desanimadas e com dor de cabeça... pelo menos eu fiquei assim. Já estava pronta para ceder ao desespero... e, então, a Rua do Fantasma surgiu!

Quando fomos visitar a senhora Braddock, uma velha amiga da senhora Lynde, ela disse que talvez “as viúvas” pudessem me hospedar e que elas queriam uma pensionista para pagar o salário de Rebecca Dew, pois elas não terão condições de mantê-la a menos que entre um dinheirinho extra. E, se a Rebecca for embora, quem ordenhará a velha vaca vermelha?

A senhora Braddock lançou-me um olhar fulminante, como se achasse que eu deveria ordenhar a vaca vermelha, mas não acreditaria em mim nem se eu jurasse saber fazê-lo.

A senhora Lynde quis saber de quais viúvas a senhora Braddock estava falando. Ela respondeu que eram a tia Kate e a tia Chatty, como se todo mundo, até mesmo uma inadvertida bacharela em Letras e Artes, tivesse a obrigação de saber. A senhora Braddock disse, ainda, que a tia Kate é a viúva do capitão Amasa MacComber, e a tia Chatty, do senhor Lincoln MacLean, uma mera viúva, mas todos as chamam de “tias”. Elas moram no fim da Rua do Fantasma.

Rua do Fantasma! Estava decidido. Eu tinha que me hospedar com as viúvas. Então, implorei à senhora Lynde para irmos até lá naquele momento. Parecia que, se perdêssemos mais um instante, a Rua do Fantasma iria esvanecer de volta à Terra das Fadas.

Porém, a senhora Braddock falou que eu poderia visitá-las, mas era Rebecca quem decidiria se iriam me hospedar ou não. Rebecca Dew é quem dita as regras em Windy Poplars, é a verdade.

Windy Poplars! Não podia ser verdade... não podia. Eu devia estar sonhando. E a senhora Lynde até comentou que o lugar tinha um nome engraçado. Entretanto, a senhora Braddock disse: “Ah, o capitão MacComber o chamava assim. Era a casa dele, sabe. Ele plantou todos os álamos ao redor da propriedade e se orgulhava muito deles, por mais que nunca ficasse por muito tempo nas raras ocasiões em que estava em casa. Tia Kate dizia que era um inconveniente, mas nunca descobrimos se ela referia-se às curtas estadias ou ao fato de o capitão se dar ao trabalho de voltar para casa. Bem, senhorita Shirley, espero que consiga hospedagem lá. Rebecca Dew é uma boa cozinheira e um gênio com batatas frias. Se ela gostar de você, sua estadia vai ser um paraíso. Se não gostar... Bem, ela não gostará e ponto. Ouvi dizer que há um novo banqueiro na cidade à procura de uma pensão, e ela pode preferi-lo. Engraçado a senhora Tom Pringle não aceitar você. Summerside é cheia de Pringles e aparentados. São chamados de “A Família Real”, e é melhor ganhar as graças deles, senhorita Shirley, do contrário nunca se dará bem na Escola Secundária. Eles sempre mandaram na cidade... há uma rua em homenagem ao velho capitão Abraham Pringle. Eles formam um clã considerável, mas quem manda na tribo são as duas velhas senhoras em Maplehurst. Ouvi dizer que estavam comentando sobre você”.

Então, perguntei por que estariam comentando se sou uma completa desconhecida para elas. E a senhora Braddock respondeu: “Bem, um primo de terceiro grau delas se candidatou para o cargo de diretor, e todos acham que ele deveria ter sido escolhido. Quando sua inscrição foi aceita, o bando todo desatou a reclamar. Bem, as pessoas são assim. Temos que aceitá-las como são, você sabe. Eles serão dóceis como carneirinhos, mas estarão contra você o tempo todo. Não quero desencorajá-la, mas é melhor estar preparada, e espero que você se saia bem, só para aborrecê-los. Se as viúvas a aceitarem, você não se importará de comer com Rebecca Dew, não é mesmo? Ela não é uma empregada, sabe? É uma prima distante do capitão, que não come à mesa quando há companhia... Ela sabe o lugar dela nesses casos, mas, se for se hospedar lá, ela não considerará você uma visita, é claro”.

Eu garanti à ansiosa senhora Braddock que iria adorar fazer as refeições com Rebecca Dew e arrastei a senhora Lynde de lá. Eu tinha que chegar antes do banqueiro.

A senhora Braddock nos acompanhou até a porta e me disse para não ferir os sentimentos da tia Chatty, pois ela fica chateada com facilidade. A pobrezinha é muito sensível e não tem as mesmas condições financeiras que a tia Kate... ainda que a tia Kate também não tenha muito dinheiro. E a senhora Braddock ainda falou: “A tia Kate gostava muito do marido dela... do próprio marido, digo... mas a tia Chatty não... não gostava do dela, quero dizer. Não me admira! Lincoln MacLean era um velho ranzinza... Mas ela acredita que as pessoas a culpam por isso. Por sorte, hoje é sábado. Se fosse sexta-feira, tia Chatty nem sequer consideraria acolhê-la. É de se esperar que a tia Kate fosse a supersticiosa, não é verdade? Marinheiros costumam ser assim. Mas é a tia Chatty... apesar de o marido dela ter sido carpinteiro. Ela já foi muito linda”.

Eu garanti à senhora Braddock que os sentimentos da tia Chatty seriam honrados, mas ela nos seguiu até a calçada e continuou: “Kate e Chatty não vasculharão suas coisas quando estiver fora. Elas são muito conscientes, mas pode ser que Rebecca Dew o faça, porém não fará fofocas. E, se eu fosse você, não usaria a porta da frente, pois elas a usam apenas para coisas realmente importantes, e não acho que é aberta desde o funeral de Amasa. Tente a porta lateral, a chave fica sob o vaso de flores no peitoril da janela; então, se não houver ninguém em casa, destranque a porta, entre e aguarde. E faça o que quiser, mas não elogie o gato, pois Rebecca Dew não gosta dele”.

Prometi que não elogiaria o gato, e conseguimos ir embora. Nós chegamos à Rua do Fantasma em pouco tempo. É uma rua lateral muito curta que leva ao campo aberto, e ao longe uma colina azul proporciona um belo pano de fundo. De um lado não há nenhuma casa, e o terreno desce em declive até o porto, e do outro lado há somente três. A primeira é apenas uma casa... não há mais nada a ser dito sobre ela. A seguinte é uma mansão grande, imponente e com ares lúgubres feita de tijolos vermelhos polidos, com um telhado de mansarda irregular e janelas

de trapeira, um gradil de ferro por toda a extensão da parte superior plana, tantos abetos e pinheiros amontoados ao seu redor que é quase impossível ver a casa e seu interior deve ser assustadoramente escuro. E a terceira e última é Windy Poplars, bem na esquina, com a rua tomada pela grama alta à sua frente e uma verdadeira estrada rural, belamente sombreada pelas árvores, do outro lado.

Apaixonei-me por ela de imediato. Você sabe que há casas que nos causam impacto à primeira vista, por alguma razão que não é possível definir, e Windy Poplars é uma delas. Posso descrevê-la como uma casa de madeira branca... muito branca... com persianas verdes... muito verdes... com uma “torre” em um canto e uma janela trapeira de cada lado, um muro baixo de pedra separando-a da rua, com álamos-tremulantes plantados em intervalos ao longo de sua extensão, e um grande jardim nos fundos, onde flores e vegetais cresciam em uma deliciosa confusão... Porém, tudo isso não é capaz de transmitir seu encanto. Em suma, é uma casa com personalidade e com uma pitada do gostinho de Green Gables. Eu disse a senhora Lynde que este é o lugar para mim e que estava predestinado.

A senhora Lynde não parecia acreditar muito em predestinação e falou que ia ser uma longa caminhada até a escola. Eu respondi que não importava, pois será um bom exercício. E tem ainda aquele adorável bosque de bétulas e bordos do outro lado da estrada. A senhora Lynde viu, mas tudo que disse foi que esperava que os mosquitos não me importunassem.

Eu também esperava, pois detesto mosquitos. Um mosquito é pior do que um peso na consciência na hora de dormir.

Fiquei contente por não termos que usar a porta da frente. Parecia tão intimidadora... uma grande porta dupla de madeira, flanqueada por painéis de vidro vermelhos com motivos florais. Não parecia pertencer à casa em absoluto. A pequena porta verde lateral, à qual chegamos por uma linda trilha de pedras chatas de arenito na grama, era muito mais amigável e convidativa. O caminho era ladeado por canteiros impecáveis e bem cuidados de capim-amarelo, corações-sangrentos,

lírios-tigre, cravinas, abrótanos, buquês-de-noiva, margaridas vermelhas e azuis, e o que a senhora Lynde chama de “piônias”. É claro que nem todas florescem nesta estação, mas era óbvio que já haviam desabrochado na hora certa, e com louvor. Havia um canteiro de rosas em um canto distante, entre Windy Poplars e a casa sombria, próximo a um muro de tijolos coberto de heras, com uma treliça arqueada acima de uma porta verde desbotada bem no meio dele. Ramos de videira cruzavam a porta, o que deixava evidente que não era aberta há muito tempo. Era na verdade uma meia porta, pois a metade de cima era meramente uma abertura oblonga por meio da qual era possível ter um vislumbre de um jardim abandonado do outro lado.

Assim que passamos pelo portão do jardim de Windy Poplars, notei um punhado de trevos ao lado da trilha. Um impulso me levou a inclinar-me para observá-lo. Você acredita, Gilbert? Ali, bem diante dos meus olhos, havia três trevos de quatro folhas! Isso que é um bom presságio! Nem mesmo os Pringles poderiam contestá-lo. E eu senti a certeza de que o banqueiro não tinha a mínima chance.

A porta lateral estava aberta, de forma que era evidente que alguém estava em casa, e nós não precisamos olhar embaixo do vaso. Nós batemos, e Rebecca Dew nos atendeu. Sabíamos que era Rebecca Dew porque não poderia ser mais ninguém no mundo todo e seu nome não poderia ser outro.

Rebecca Dew tem cerca de quarenta anos, e, se um tomate tivesse cabelos negros escorridos para trás, olhinhos negros cintilantes, um nariz diminuto com a ponta arredondada e lábios finos, ele seria exatamente como ela. Tudo em Rebecca parecia ser curto demais: braços, pernas, o pescoço e o nariz... tudo menos seu sorriso. Este era largo o suficiente para ir de orelha a orelha.

Porém, nós não vimos seu sorriso logo de início. Sua expressão era grave quando perguntei se poderia conversar com a senhora MacComber.

– Você quer dizer a senhora do capitão MacComber? – corrigiu ela, como se houvesse uma dezena de senhoras MacCombers na casa.